

Ataques Cabo Delgado:

# Uns “acossados” a passear a classe

Por Armando Nhantumbo

“Encurralados” ou “acossados” é assim que as autoridades lhes chamam. Mas eles, os insurgentes, continuam a colocar em causa a narrativa vitoriosa das Forças de Defesa e Segurança (FDS) no teatro operacional norte. Em mais uma incursão de demonstração de força, atacaram a vila sede distrital de Macomia, o maior centro urbano e comercial da zona central de Cabo Delgado.

Terão sido dois grupos de insurgentes que se juntaram e atacaram a vila de Macomia, que se estende ao longo da Estrada Nacional Número 380, a principal via que liga a capital provincial de Cabo Delgado, Pemba, e o norte da província.

Ao que o SAVANA apurou, um grupo teria partido das matas de Mucojo, um Posto Administrativo de Macomia, situado a cerca de 50 km a este da vila sede distrital. O outro teria partido de Miangalewa, uma localidade do Posto Administrativo de Chitunda, distrito de Muidumbe, situada a cerca de 51 quilómetros da vila de Macomia.

Depois de atravessar o rio Messalo, que separa os distritos de Macomia e Muidumbe (Miangalewa a norte e Litamanda a sul), este segundo grupo escalou, sucessivamente, as aldeias de Litamanda e Chai. Chai localiza-se a 45 quilómetros da vila de Macomia.

De Chai a Litamanda são cerca de 3 quilómetros e, de Litamanda para Miangalewa, também 3.

Apesar dos discursos vitoriosos das FDS, os insurgentes, que atacaram a vila de Macomia por volta das 4 horas de quinta-feira, só saíram no sábado, três dias depois. Fontes locais fazem notar que os insurgentes deixaram a vila de Macomia com o mesmo à vontade com que saíram em Mocimbo da Praia e Quissanga, em Abril último.

“Saíram porque queriam sair, depois de terem queimado lojas e tudo. Até tem tempo de conduzir carros e carregar comida”, conta uma das fontes, que não fala de qualquer contra-ofensiva de vulto por parte das FDS. “Se quiserem ficar um mês num distrito, podem, porque eles saem sozinhos, sem intervenção da nossa tropa”, acrescenta.

Também continua por explicar como é que os insurgentes tomaram a vila de Macomia, fortemente armada e até com unidades especiais, incluindo da Polícia da República de Moçambique (PRM), como a Unidade de Intervenção Rápida (UIR), uma força anti-motim.



Para além de mortes, os insurgentes deixaram um rasto de destruição na vila de Macomia

Relatos no terreno indicam que os militares, ou pelo menos alguns, têm abandonado posições e se colocado em fuga ao se aperceberem da aproximação dos insurgentes, o que pode denotar fragilidades que beneficiam a insurgência.

Críticos observam que, com muitos militares-acadêmicos, mas pouco conhecimento prático e do terreno, e outros mal preparados, dificilmente se consegue conter a insurgência em Cabo Delgado.

É por isso que, em Abril, a população do planalto Makonde decidiu entrar na frente de combate para travar a entrada dos insurgentes naquela zona simbólica nos pergaminhos da luta de libertação nacional.

Foram os antigos combatentes que emboscaram os insurgentes, resultando na morte de mais de 30 deles, ao que, 24 horas depois, se vingaram, assassinando cerca de 70 populares em Xitaxi, uma aldeia baixa de Muidumbe, próximo da EN380. Aproximadamente dois meses depois, ainda não é conhecido o relatório de inquérito anunciado pelas autoridades para averiguar as circunstâncias em que ocorreu o massacre de Xitaxi.

Se, no início, os insurgentes andavam munidos, maioritariamente, de armas brancas, muitas vezes com apenas uma arma de fogo, hoje estão quase todos armados,

apontando-se o arsenal das FDS como a principal fonte das armas que são capturadas pelos insurgentes ou abandonadas pelos militares que, na sua fuga, desfazem-se de qualquer artefacto militar e juntam-se à população civil para escaparem das rusgas dos atacantes.

Há, inclusivamente, casos em que, depois de abastecimento de uma base militar, não tarda que os insurgentes protagonizem um ataque, apoderando-se do armamento.

Antes da “operação Macomia”, os insurgentes estiveram em Miangalewa, onde entraram na madrugada de quarta-feira, mantendo duas pessoas. Não houve confronto com a posição militar estacionada em Miangalewa.

Mas foi de Miangalewa que os insurgentes seguiram para Macomia, atravessando o rio Messalo. Mas não tiveram qualquer emboscada, até que chegaram e tomaram a vila sede.

“Mas como podem ficar 3 dias numa vila, quando se diz que está tudo controlado. Devem estar a enganar o presidente”, observa uma fonte que acompanha, atentamente, a situação.

À chegada a Macomia, na quinta-feira, os insurgentes ter-se-ão apoderado de viaturas na terminal rodoviária local. É com essas via-

turas, incluindo camionetas, que começaram a carregar produtos alimentares para as suas bases, o mesmo *modus operandi* em outros pontos como Muidumbe e Mocimbo, onde até distribuíram comida saqueada pela população local.

Depois do saque de produtos alimentares, estes são transportados em viaturas até um determinado ponto, geralmente, onde termina o acesso de viaturas. Daí para as matas, os produtos são transportados pelos capturados, sobretudo, mulheres, até às bases localizadas mata adentro.

Até a tarde desta terça-feira, pelo menos 19 corpos haviam sido encontrados em Macomia, não estando claro se as vítimas foram atingidas pelos insurgentes ou pelas FDS. Na vila de Macomia, muitas pessoas continuam à busca pelos parentes, sem saber se mortos ou raptados pelos insurgentes. Nos últimos tempos, os insurgentes têm protagonizado raptos nas suas incursões, com destaque para menores, que se acredita para serem radicalizadas, reforçando assim o grupo para longo prazo.

Para além de mortes, na incursão de Macomia, os insurgentes deixaram um rasto de destruições, desde instituições do Estado e privadas, como estabelecimentos comerciais.

Os insurgentes vandalizaram, ainda, a subestação da Electricidade de Moçambique, em Macomia, deixando às escuras o centro e o norte de Cabo Delgado.

## E os ataques não param

Muitos observadores continuam a questionar o papel das empresas privadas de segurança, que eram vistas como a solução para os ataques no norte de Cabo Delgado. É que os ataques continuam nos distritos de Cabo Delgado, sobretudo nas aldeias e Postos Administrativos, muitas vezes longe dos holofotes da imprensa.

São os insurgentes a desafiarem a tese triunfalista dos dirigentes das FDS sobre a fragilização do grupo.

Em Dezembro de 2017, o comandante-geral da PRM chegou a dar um célebre ultimato aos insurgentes, em Cabo Delgado. Na altura, Bernardino Rafael disse que os insurgentes tinham 7 dias para se entregarem à PRM, período findo o qual seriam tratados como bandidos.

Mas o ultimato de Bernardino Rafael virou-se contra ele mesmo. Para além de não se terem rendido, os insurgentes intensificaram os ataques, desafiando o Estado e seus símbolos, com brutais ataques, que também não poupavam as populações, feita escudo pelos

insurgentes.

No ano seguinte, foi o porta-voz do Comando-geral da PRM, que considerou que os insurgentes estavam a protagonizar ataques de desespero porque, dizia Orlando Mudumane, estavam encurralados.

Nos últimos tempos, é o ministro do Interior que tem traçado um cenário calamitoso para os insurgentes.

Numa conferência de imprensa norte-coreana, a 14 de Maio, Amade Miquidade disse que os “terroristas”, como são tratados na versão oficial, estavam “acossados pelas acções vitoriosas das FDS”.

Dias depois, Miquidade foi dizer, em plena sessão de perguntas, na Assembleia da República, que a segurança estava a regressar à normalidade em Cabo Delgado, graças ao trabalho que as FDS estão a desenvolver para acabar a insurgência que, desde Outubro de 2017, aterroriza a região norte daquela província.

O ministro apresentou um quadro em que os insurgentes estavam em fuga porque “acossados” pelas FDS. Contudo, reconheceu na mesma ocasião que a situação em Cabo Delgado era complexa. Nos últimos dias, foi o próprio comandante em chefe das FDS, Filipe Nyusi, e o ministro da Defesa, Jaime Neto, que também traçaram um cenário vitorioso das FDS, com relato de abate de dois dos líderes do grupo de insurgentes.

Reporta-se o abate de 78 insurgentes, incluindo Ambasse e Faragi Nankarava, também conhecido por Njorogue. Mais de 60 são dados como feridos. A crítica questiona o porquê das autoridades não apresentarem os abatidos, quando, sistematicamente, são encontrados corpos de vítimas dos ataques, incluindo militares. A título ilustrativo, as FDS reivindicam ter morto dois líderes dos insurgentes de nacionalidade tanzaniana, mas não foram apresentadas evidências. Segundo o ministro da Defesa, Jaime Neto, Njorogue esteve envolvido nos primeiros ataques armados a 5 de Outubro de 2017, na Mocimbo da Praia.

Em Macomia, Neto afirmou que as FDS apreenderam diversos materiais na posse dos insurgentes, incluindo viaturas, motocicletas e bicicletas roubadas da população. Assinalou igualmente que depois da expulsão do grupo armado, as FDS continuam a procurar pelos insurgentes para identificar as suas bases.

Porém, com o ataque à vila de Macomia, mais uma vaga de deslocados se somou a milhares que já tinham abandonado suas casas um pouco por todos os



distritos do norte de Cabo Delgado. Dezenas de deslocados, maioritariamente, mulheres e crianças, continuam a chegar aos distritos e até províncias vizinhas.

Mais de 600 pessoas chegaram, nos últimos dias, ao Posto Administrativo de Namialo, distrito de Meconta, na vizinha província de Nampula. Na vila de Metuge, há cerca de 40 quilómetros de Pem-

ba, onde estão montados 3 centros de acolhimento, estão mais de 12 mil deslocados.

Pelo meio, é o mafioso sindicato de transportadores que vai inflacionando os preços, ante o desespero da população que procura se refugiar da guerra no norte da província. Por exemplo, o troco Macomia-Pemba, que antes custava 500 meticais, hoje é feito a

750 meticais, mais 250.

Enquanto isso, a Ordem dos Advogados de Moçambique (OAM) manifesta preocupação pela falta de informação adequada, relativamente ao que chama de aspectos essenciais relacionados com os ataques, incluindo as cidades, vilas, vias e infraestruturas afectadas, bem como o número de vítimas e prejuízos causados.

Em conferência de imprensa, no âmbito da monitoria dos impactos do estado de emergência nos direitos humanos, o bastonário da OAM, Duarte Casimiro, disse, esta quarta-feira, em Maputo, que esta situação dificulta a monitoria da situação dos direitos humanos naquelas áreas afectadas, deixando os cidadãos cada mais vulneráveis.

“Com efeito, a Ordem dos Advogados exorta ao Governo a assegurar a devida prestação de informação de forma clara e em tempo útil aos cidadãos, bem como a pronta correcção de informações falsas sobre a doença difundidas por pessoas mal-intencionadas, respeitando, obviamente, os limites do segredo de Estado e militar”, recomendou o bastonário.